

MATÉRIA" E "FORMA" DE ARISTÓTELES E MISOGINIA: DISSEMINAÇÃO NA LITERATURA MEDIEVAL

Pedro Carlos Louzada Fonseca

* Professor Titular voluntário permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás-Regional Goiânia. E-mail: pfonseca@globo.com



Aristotelismo;
misoginia; difusão
religiosa; santos da
Igreja medieval.

Resumo: Este artigo examina ideias e postulados aristotélicos fundamentais na formação da tradição misógina na cultura e na literatura europeias. Essencial para a ordem ideológica e política da misoginia ocidental foram os pronunciamentos filosóficos e pretensamente científicos de Aristóteles acerca da superioridade gerativa do macho sobre a fêmea, do homem sobre a mulher. A equação aristotélica matéria-forma para designar, correspondentemente, a realidade feminina e a masculina tornou-se um dos primeiros princípios para reger a superioridade racional do homem sobre a mulher. Esse verdadeiro axioma do Mundo Antigo veio a satisfazer o pensamento religioso patriarcal de grandes teólogos e pensadores da Igreja medieval. É nessa perspectiva que este estudo examina a disseminação do fisiologismo aristotélico no pensamento filosófico e religioso de Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo e São Tomás de Aquino, tendo como parâmetro de análise a sua orientação misógina.

"Matter" and "Form" of Aristotle and misogyny: dissemination in medieval literature

Aristotelianism;
misogyny; religious
diffusion; saints of
the medieval Church.

Abstract: This article examines fundamental Aristotelian ideas and postulates in the formation of the misogynistic tradition in European culture and literature. Essential to the ideological and political order of Western misogyny were Aristotle's philosophical and supposedly scientific pronouncements about the male's generative superiority over the female, of man over woman. The Aristotelian equation matter-form to designate, correspondingly, the feminine and the masculine realities became one of the first principles to govern the rational superiority of man over woman. This truly axiom of the Ancient World came to satisfy the patriarchal religious thinking of great theologians and thinkers of the medieval Church. It is from this perspective that this study examines the dissemination of the Aristotelian physiology in the philosophical and religious thought of Saint Isidore of Seville, Saint Anselm and Saint Thomas Aquinas, having as a parameter of analysis its misogynistic orientation.



Envio: 01/09/2018 ◆ Aceite: 25/09/2018

As orientações de Aristóteles (384-322 a.C.) acerca da geração ou procriação das espécies animais, incluindo o gênero humano, foram de fundamental influência na formação da tradicional misoginia, não só na época em que foram elaborados, mas também, posteriormente, no pensamento medieval e moderno. Tais postulados encontram-se expostos no seu livro intitulado *Da geração dos animais (De generatione animalium)*, cujos princípios fisiológicos tiveram considerável impacto, principalmente a partir do século XII, quando a obra de Aristóteles começou a ser estudada na Universidade de Paris.

É bastante conhecida a redução aristotélica da função da mulher na procriação como responsável pela contribuição da matéria prima, por uma espécie de semente à espera do princípio formador e animador encontrado no sêmen do homem. Dessa forma e a fim de se aquilatar o alcance e a propagação dessa influência de Aristóteles, uma seleção, ainda que sucinta, de pontos surgidos na discussão que ele faz acerca do sêmen e da espécie de contribuição da mulher na procriação merece ser feita.¹

Aristóteles comenta sobre o sêmen masculino, uma espécie de resíduo nutricional de grande potência, que é obtido graças a uma especial preparação calorífera que é mais intensa no corpo do macho. Fala, em contrapartida, do resíduo feminino, menos preparado, expelido do corpo feminino em maior quantidade fluídica, como sangue, de valor potencial mais fraco por causa da menor quantidade de calor que ele diz ser produzido nas fêmeas. E conclui visionariamente misógino que o que na natureza é menos calórico é mais fraco, e a fêmea corresponde a esta descrição (ARISTOTLE, 1963, 726b).

Na sequência dos comentários sobre as secreções procriadoras produzidas pelo macho e pela fêmea, Aristóteles chega aos seus famosos postulados binômicos sobre “forma / *anima*” versus “matéria / corpo”. Essas realidades, segundo ele, caracterizam, respectivamente, na geração dos descendentes, a contribuição da propriedade formativa e animadora do sêmen masculino, altamente nutriente por causa de sua natureza calorífera, e a contribuição da propriedade do resíduo nutriente feminino, carente desses atributos. Comenta que a contribuição da fêmea na geração é a matéria nela usada, explicando que o

¹ Para essa seleção, constante das passagens 726b, 727a, 727b, 728a, 729a, 737a, 738b e 775a, do *De generatione animalium*, foi utilizada a tradução de A. L. Peck, *Aristotle: Generation of animals* (1963), cujos trechos selecionados do original correspondem às páginas 91-93, 97, 101-103, 109, 173-175, 185 e 459-461. Daqui para frente, as citações referentes a essa edição trarão apenas os números das seções.

homem tem maior fertilidade porque prepara o sêmen num estado final de nutrição. E isso acontece por causa do maior calor de sua natureza. Portanto, dados esses fatores condicionantes altamente discriminatórios em termos misóginos, conclui Aristóteles que o macho provê a forma e o princípio do movimento, ao passo que a fêmea provê o corpo, em outras palavras, o que é material (ARISTOTLE, 1963, 727a, 727b, 728a, 729a).

Continuando nessas reflexões, Aristóteles dá a entender que, na geração dos animais e na humana, quando o resíduo seminal feminino não é suficientemente nutridor do sêmen masculino surge um descendente do sexo feminino, colocando, dessa forma, a genitora como responsável pela não produção de descendentes do sexo masculino. Segundo ele, o resíduo feminino contém apenas potencialmente, e não em atualidade, as partes que distinguem os dois sexos (ARISTOTLE, 1963, 737a).

Aristóteles dá a entender ainda que a *anima* de cada corpo vivo é uma dotação do genitor, ao passo que o corpo, a parte física da criatura, vem da genitora, pois somente o sêmen masculino possui a capacidade de carregar a *anima*, essência de cada corpo em particular, a qual é impressa na matéria, dando-lhe forma. Nessa breve seleção de pronunciamentos de Aristóteles extraídos do seu livro sobre a geração dos animais, percebe-se, portanto, uma verdadeira subestimação feminina em termos de sua contribuição na geração dos animais e da raça humana.

O fisiologismo de Aristóteles deixou um influente, entretanto tendencioso, legado no pensamento misógino dos mais importantes religiosos da Idade Média, especialmente quando preocupados com a questão da definição do gênero ligada às ideias aristotélicas de matéria e forma, as quais foram respectivamente utilizadas para indicar as propriedades do feminino e do masculino. Apesar da variada gama de escritos medievais que se basearam – quer de forma mais direta e literal, quer de maneira mais metafórica, simbólica ou figurativa – nos postulados aristotélicos fundamentados nessas ideias de qualificação genérica, os escritos de Santo Isidoro de Sevilha, no século VII (c. 570-636), de Santo Anselmo, no século XI (1033-1109), e de São Tomás de Aquino, no século XIII (c. 1225-1274), servem para dar uma mostra exemplar e suficiente do tratamento da questão no decorrer do período medieval

Santo Anselmo, um monge beneditino, que chegou a ser Arcebispo da Cantuária, é uma figura curiosa, principalmente por seus escritos trazerem um imaginário não muito ortodoxo relativamente à questão do gênero transferida para o terreno do sagrado. Compôs uma prece lírica a São Paulo, na qual as metáforas simbólicas da geração e da nutrição de uma nova vida, muito apreciadas no cristianismo, imaginam a figura de Jesus Cristo como uma verdadeira mãe (ALLEN, 1985, p. 265-66). Mesmo em termos de análise filosófica, na sua principal obra intitulada *Monologium*, Santo Anselmo, desafiando preceitos canônicos, discute sobre o gênero do sagrado.

Por meio de um curioso raciocínio, que joga com o gênero das principais palavras-conceito utilizadas para definir os atributos do Supremo Espírito (Deus) e do seu filho Jesus, Santo Anselmo chega à seguinte conclusão: ambos podem ser, indiferentemente, chamados de pai e filho ou de mãe e filha, visto que ambos têm igualmente, no seu mais supremo teor, o espírito (*spiritus*, no latim, uma palavra do gênero masculino), a verdade e a sabedoria (*veritas* e *sapientia*, palavras do gênero feminino no latim). Entretanto, após essa instigante proposição, que lembra o método etimológico de Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo retrocede na sua conclusão. Lembra-se, para tanto, do conceito aristotélico da função paterna como causa principal da geração e do postulado bíblico da precedência de Adão sobre Eva na Criação e conclui, definitivamente, que o Supremo Espírito só poderia ser mesmo masculino, o mesmo acontecendo com o seu Filho, ao Pai unido em Espírito.

Santo Anselmo, no capítulo 42 do seu *Monologium*, apresenta uma derivação figurada e ideológica das ideias fisiologistas de Aristóteles e das ideias etimologistas de Santo Isidoro de Sevilha acerca das razões pelas quais o pai tem precedência, como causa primeira na geração, visto que ele é o princípio da *anima*, responsável pela forma e pelo movimento. A mãe viria em segundo plano, entrando com a matéria para a composição corporal dos descendentes.² Sobre essa questão do pai como causa primeira, Santo Isidoro de Sevilha também diz que o pai (*pater*) é a origem e a cabeça da família (*paterfamilias*), sendo assim chamado porque ele procria um filho para colocar em bom termo final um patronato (ISIDORE OF SEVILLE, 1962, IX. v. 3).

² Para a apresentação do assunto discutido por Santo Anselmo, foi utilizada a edição e tradução de Jasper Hopkins e Herbert Richardson, *Anselm of Canterbury* (1974), cujo trecho selecionado do original corresponde a i. 55-56 (cap. 42) do *Monologium*.

Acerca dessa questão da precedência do pai e do filho, conclui de forma misógina o autor de *Monologium* que, com relação ao Supremo Espírito e à Palavra, é melhor chamá-los de pai e filho porque, entre as coisas naturais que são sexuadas, é característico o pai e o filho serem o sexo mais destacado, o mesmo não acontecendo com a mãe e a filha. Dessa forma, diz Santo Anselmo que, se a causa paternal sempre, de certa forma, precede a causa maternal, então é extremamente inapropriado o nome mãe ser aplicado àquele genitor (Deus), o qual não se encontra ligado a nenhuma outra causa precedente para a produção da descendência (ANSELM, 1974, i. 55-56).

Os postulados aristotélicos, referentes à equivalência fisiologista da mulher à matéria, chegaram ao século XIII e tiveram, no pensamento escolástico de São Tomás de Aquino, uma significativa repercussão e interesse. Talvez o que mais tenha instigado o teólogo neoaristotélico, na sua busca de explicação pragmática para os mistérios da teologia, foi a questão de Cristo não ter contraído o Pecado Original, apesar de ter sido concebido no ventre de uma mulher. A explicação encontraria o seu perfeito suporte no princípio aristotélico de que sempre o pai é quem transmite o sêmen encarregado de dar formação e movimento anímico ao descendente. Assim, São Tomás de Aquino, baseado nessa ideia aristotélica, discute se a Virgem teve realmente alguma parte ativa na concepção do corpo de Cristo. Entretanto, como, segundo a Bíblia, Cristo não teve pai humano, então ele esteve livre da transmissão do Pecado Original (BORRESEN, 1981, p. 219-22; AQUINAS, 1963, 1975, III. Q. 34, art. 4).

Algumas questões apresentadas na *Suma teológica* (*Summa Theologiae*) (1266-1272), relativamente à visão tomista sobre a mulher, referem-se à sua responsabilidade na introdução do Pecado Original no mundo, à isenção do mesmo em Cristo, e a assuntos que retomam a tradicional e debatida realidade biológica, moral e espiritual da mulher considerada não com a mesma perfeição do homem. São Tomás de Aquino compartilha da ideia agostiniana de que o pecado de Eva foi realmente mais grave do que o de Adão, devido à presunção que a fez acreditar na serpente (AUGUSTINE, 1982, ii, 175-76). Ainda assim, o autor da *Suma teológica* tenta conciliar os virulentos pronunciamentos patrísticos misóginos com os pronunciamentos antimulher de Aristóteles. E isto a fim de que, mesmo aceitando-se o fato de a mulher ser um gênero que tem os seus senões, a Igreja devesse reconhecê-la na

sua criação divina, assim como ao homem. Apesar de ser criada em segundo lugar, ainda assim ela é indefectível por natureza, visto que o Supremo Criador não cometera erro nenhum na Criação.³

Respondendo à questão de qual dos dois genitores deve ser amado primeiro, São Tomás de Aquino adere nitidamente aos comentados postulados aristotélicos sobre a primazia do masculino, como causa primeira e mais eficiente na geração. Não descartando o fato de que tanto o pai quanto a mãe são princípios necessários à nossa origem, diz, entretanto, que a força anímica vinda da semente paterna e que dá forma ao ser, tem um papel superior a ser reconhecido e valorizado pelos seus descendentes. Assim, diz que naturalmente é o pai que deve ser mais amado em primeiro lugar (AQUINAS, xxxiv, II. ii. 26. 10).

Ainda na *Suma teológica*, São Tomás de Aquino retoma comentários feitos por Aristóteles e por Santo Agostinho sobre o conceito aristotélico da mulher como um gênero que carece de certos atributos. Também questiona sobre a participação da mulher na produção original das coisas criadas por Deus, isto é, das coisas criadas em si mesmas, porque nesse plano tudo foi criado sem falhas, segundo a onisciência e a onipotência divinas. Portanto, a conclusão torna-se óbvia para São Tomás de Aquino: a mulher torna-se menos importante em relação ao homem não só por não ter participado na criação original das coisas, mas também por ter promovido, presunçosamente, a introdução do pecado no mundo. Deve, portanto, ser considerada em primeiro na censura, que é a condição de quem pecou primeiro (Gênesis 3:16).

Recordando Santo Agostinho, São Tomás de Aquino diz que a maior honra cabe à causa ativa, que é prerrogativa do sexo masculino (AUGUSTINE, 1982, XII. 16). Essa é outra razão pela qual a mulher não foi produzida na criação original das coisas, ou seja, das coisas em si mesmas. Entretanto, São Tomás de Aquino, conforme comentado anteriormente, não descarta a necessidade de a mulher ter sido criada não só à semelhança do homem (Gênesis 2: 18), mas também para o acompanhar e para ajudá-lo na procriação dos seus

³ Para a apresentação dessas e de outras ideias tomistas sobre o sexo feminino, contrafrásico ao masculino, foram utilizadas as traduções de Edmund Hill OP para xiii (1963) e de R. J. Batten para xxxiv (1975) da *Summa Theologiae*, cujos trechos selecionados dos originais correspondem, respectivamente, às páginas 35-39 e 149. Daqui para frente, as citações referentes a essa edição trarão apenas os números das seções.

descendentes (AUGUSTINE, 1982, IX. 5). Por outro lado, explica, de acordo com Aristóteles, que o sexo feminino só é produzido por uma debilidade do poder ativo da semente do homem ou por causa de fatores externos (ARISTOTLE, 1963, 766b).

Diz ainda que o que pode ser considerado defectivo no sexo feminino é uma questão individual apenas, não se referindo à tendência da natureza da espécie humana como um todo, a qual, criada por Deus, deve-Lhe extrema procedência e obediência. Entretanto, não deixa São Tomás de Aquino de insinuar a importância da participação da mulher na procriação, apesar de a colocar num plano secundário visivelmente discriminatório. E remata inveteradamente misógino que a relação da mulher com o homem deve ser de obediência. (AQUINAS, xiii, 1a. 92, article 1).

Na sequência dessas posturas e atitudes misóginas virulentamente políticas, São Tomás de Aquino, discutindo sobre os tipos de sujeição lícitos ao dirigente superior, comenta que a mulher está sujeita ao homem não só em virtude do pecado, mas também devido à ordem natural dos grupos humanos, nos quais o que tem mais poder comanda, de forma doméstica ou civil, o menos apto (AUGUSTINE, 1982, XI. 37). Assim, de forma ampla, continua São Tomás de Aquino dizendo que a mulher encontra-se frente ao homem num estado em que a ele deve obediência à sua vontade e ao seu comando. E conclui que tal estado de anuência é devido ao poder de compreensão das coisas que São Tomás de Aquino diz ser por natureza mais forte no sexo masculino (AQUINAS, xiii, 1a. 92, article 1).

Continuando nas considerações meticulosamente misóginas sobre a mulher, São Tomás de Aquino, diante da pergunta sobre a origem dela, defende o caso de Eva ter realmente nascido do homem, pois, sendo o homem feito à imagem de Deus, nada mais digno e honroso que a mulher tenha dele nascido, sendo ele, dessa forma, a sua cabeça. Assim, assegurando a condição de secundariedade da mulher na Criação, apresenta argumentos acerca da originalidade (*principium*) do homem sobre a sua espécie, análoga à originalidade de Deus sobre o universo inteiro. Conclui São Tomás de Aquino, numa tentativa de harmonização política dos gêneros visivelmente misógina, em nada isenta de certo cinismo, ainda que por ventura não proposital, que é bom que a mulher tenha saído e seja do homem, a fim de se garantir amor entre os cônjuges e de se estabelecer uma vida no lar. São Tomás de Aquino, citando Aristóteles, diz que em casa o homem e a mulher devem

trabalhar juntos em certas coisas, mas o homem deve ser a cabeça da mulher. Desse modo, a mulher foi acertadamente formada do homem, origem e chefe dela (AQUINAS, xiii, 1a. 92, article 1).

Os comentários até agora feitos em relação a alguns postulados aristotélicos que se referem a aspectos e à importância da fisiologia dos aparelhos genitores, tanto nos animais quanto nos humanos, apresentam a imagem do sexo feminino em geral, e da mulher em particular, numa posição de discriminada inferioridade em relação à imagem do sexo masculino. Tais comentários serviram de base para a formação de uma misoginia tradicional, cujas marcas mais profundas de ultraje apareceram durante a Idade Média, especialmente no pensamento religioso.

É na esteira dessas ideias acerca da derrogação do corpo e do sexo femininos que Howard Bloch, no seu instigante livro que trata da misoginia medieval e da invenção do amor romântico ocidental, tem razão em afirmar que “[...] no pensamento misógino da Idade Média, não pode, de fato, haver distinção entre o teológico e o ginecológico” (1987, p. 20, minha tradução). E a ginecologia teológica do feminino medieval haveria de, como uma litania que perpetuasse o infortúnio da mulher imposto pelo homem, materializar a mulher como uma realidade orientada principalmente pelo corpóreo. Esse tipo de reducionismo medieval da mulher ao domínio da matéria e dos sentidos, principalmente na esfera do teológico, foi concebido alegoricamente por Santo Ambrósio, no século IV (340-397), na sua conhecida representação alegórica da Queda, onde a serpente representa um tipo de prazeres do corpo, a mulher, os nossos sentidos e o homem, a nossa mente (AMBROSE, 1961, XV. 73, p. 351).

É ainda nesse comentado sentido de influência disseminadora do pensamento misógino medieval que, aparentemente inocente em termos de uma direta predisposição antimulher, surgem, no século VII, as Etimologias (*Etymologiae*), de Santo Isidoro de Sevilha, um estudo enciclopedista dos mais completos escrito na Idade Média. Santo Isidoro de Sevilha cresceu na Espanha durante o domínio dos visigodos, foi educado num monastério, onde se ordenou e, mais tarde, tornou-se Arcebispo de Sevilha. As suas *Etimologias* tornaram-se conhecidas, com essa nomenclatura, devido à maciça ênfase que o livro dá às derivações de palavras-chave que aparecem sob cada assunto encabeçado para tratamento.

Devido à enorme valoração filosófica e teológica dada à palavra (*verbum*) como portadora, na sua raiz ou no seu étimo, do sentido da substância e da realidade da coisa (*res*), a enciclopédia de Santo Isidoro de Sevilha alcançou enorme influência e popularidade em toda a Europa medieval, sendo, inclusive, citada por muitos séculos depois.

Atesta essa importância etimológica do conhecimento e da identificação do sentido da realidade das coisas criadas por Deus, a partir da palavra designada para nomeá-las, o fato de esse expediente etimológico ter procedência na própria Bíblia, no episódio em que o Criador delega a Adão a função de nomeação dos animais.

O caso misógino, entre inúmeros outros exemplos, de Santo Isidoro de Sevilha aventar a hipótese de que a palavra *femina*, que significa mulher em latim, possa ser suposta por alguns como proveniente da etimologia da palavra grega *fos* para significar força que queima, por causa da maior intensidade do desejo sexual encontrada no sexo feminino, levou os defensores da mulher a preferirem ligar o significado etimológico da palavra latina *mulier* à palavra latina *mollities*, para significar apenas mais suave. Também aquela noção preconceituosa de que *femina* recebeu esse nome em razão da fêmea, não só entre os animais, mas também entre os humanos, ser mais ligada à sensualidade, derivou o uso da palavra latina *femineus*, ou seja efeminado, ser, entre os antigos, aplicada àqueles que manifestassem um excesso de amor. Essa noção encontrou larga difusão na Idade Média, a ponto de André Capelão, no século XII, aconselhar os seus protegidos a reprimirem o prazer físico (*voluptatem*), procedendo assim como homens verdadeiros (*viriliter*) (ANDREAS CAPELLANUS, 1982, III. 50).

Os comentários a seguir, com base no que dissertam as *Etimologias*, de Santo Isidoro de Sevilha⁴, servem para identificar, nessa obra, a influência da tradicional visão misógina de inferioridade constitutiva da natureza feminina que, elaborada pela fisiologia de Aristóteles, encontrou respaldo e transmissão, de forma ideologicamente simpática, por padres e pensadores religiosos e da sociedade laica medieval, na sua maioria misóginos e contra a mulher. Nesse sentido, Santo Isidoro de Sevilha, sendo um deles, traduz para o domínio do conhecimento da língua, o que Aristóteles havia feito no domínio da fisiologia e da ciência. Comenta Santo Isidoro de Sevilha que o nome varão provém da palavra latina *vir* porque

⁴ Foi aqui utilizada a edição das *Etymologiae*, de Santo Isidoro de Sevilha, feita W. M. Lindsay (1962). Nas citações referentes a essa edição são indicados apenas os números das seções.

está associado com a palavra *vis* que significa força, e que a palavra latina *mulier* (mulher) está associada com *mollities*, que em latim quer dizer suavidade. Dessa forma, se da palavra *mollier*, que em latim significa mais suave, se suprimir ou se alterar letras, resulta o nome *mulier*, que em latim significa mulher. Dessa forma, por contraste com a força masculina, a suavidade feminina só poderia mesmo estar comprometida com a ideia de moleza ou fraqueza. Nesse sentido, diz que a força é maior no homem e menor na mulher, para que ela possa ser comandada nos seus desejos carnis. E ainda Santo Isidoro de Sevilha faz as mesmas referências misóginas em referência ao pecado da luxúria, a fim de ligar esse terrível pecado capital ao sentido etimológico da palavra *femina* com o significado de mulher em latim (ISIDORE OF SEVILLE, 1962, XI. ii. 17-19; 23-24).

Entretanto, tanto no fisiologismo de Aristóteles quanto no etimologismo de Santo Isidoro de Sevilha, a tônica comum é a da derrogação do feminino, a qual atinge o seu mais alto grau conceitual e discriminatório quando, a exemplo das *Etimologias*, o fluido menstrual, que para Aristóteles era considerado simplesmente improfícuo, descarga seminal de um organismo naturalmente menos perfeito, passa a ser diabolicamente destruidor das coisas, do homem e da natureza (ISIDORE OF SEVILLE, 1962, XI. i. 140-141).

Apesar de ter sido originariamente abordada por Plínio, foi, a partir de Santo Isidoro de Sevilha, que essa verdadeira litania da desgraça do sangue menstrual entrou no imaginário das superstições medievais, adquirindo recrudescida virulência no final da Idade Média, quando a mulher passou a ser objeto de um obsessivo processo de demonologização.

Essa sucinta coletânea de comentários, de feitio interdiscursivo, examinou a influência disseminadora da fisiologia de Aristóteles em alguns seguidores seus, que se tornaram pilares fundamentais da tradição misógina e antimulher do período medieval, não só no campo da filosofia religiosa, como nos exemplos de Santo Anselmo e de São Tomás de Aquino, mas também no interessante domínio do conhecimento etimológico, tal qual exposto, de forma ímpar, nas *Etimologias*, de Santo Isidoro de Sevilha. Assim, o fisiologismo de Aristóteles e o etimologismo de Santo Isidoro de Sevilha, ambos sintonizados em postulados que definiram a tradicional misoginia, são, de forma muito importante, duas das

muitas ideias fundadoras dessa tendência discriminatória da mulher no pensamento e na cultura do homem ocidental.

Fontes

ANSELM, St. Monologium, v. 1. In: HOPKINS, Jasper; RICHARDSON, Herbert (Ed. e trad.). *Anselm of Canterbury*, 4 v. London: SCM Press; Toronto: Edwin Mellen Press, 1974.

AQUINAS, St. Thomas. *Summa Theologiae*, xiii; xxxiv. Gen. ed. Thomas Gilby, OP, 60 v. Trad. Edmund Hill OP e R. J. Batten. London: Blackfriars, in conjunction with Eyre and Spottiswoode; New York: MacGraw-Hill, 1963, 1975.

ISIDORE OF SEVILLE, St. *Isidori Hispalensis Episcopi: Etymologiarum sive Originum libri xx*. Ed. W. M. Lindsay, 2 v. Oxford: Clarendon Press, 1962.

Referências

ALLEN, Sr Prudence, RSM, *The Concept of Woman: The Aristotelian Revolution 750 BC-AD 1250*. Montreal: Eden Press, 1985.

AMBROSE, St. Paradise. In: _____. *Hexameron, Paradise, and Cain and Abel*. Trad. J. J. Savage, FOC, xlii. New York: Fathers of the Church, 1961.

ANDREAS CAPELLANUS. *Andreas Capellanus On Love*. Ed.e trad. P. G. Walsh. London: Duckworth, 1982.

ARISTOTLE. *Generation of Animals*. Trad. A. L. Peck. London: Heinemann and Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1963. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/generationofanim00arisuoft#page/n0/mode/2up>>. Acesso em: 22 mai 2018.

AUGUSTINE. *St Augustine: The Literal Meaning of Genesis*. Trad. J. H. Taylor. 2 v. Ancient Christian Writers, n. 42. New York and Ramsey, NJ: Newman Press, 1982.

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BORRESEN, Kari. *Subordination and Equivalence: The Nature and Role of Women in Augustine and Thomas Aquinas*. Trad. C. H. Talbot. Washington, DC: Catholic University Press of America, 1981.

